

# Zé Tarcísio, artista-menino sempre



Zé Tarcísio confessou aos alunos que tinha vontade de um dia ser convidado pela Entrevista. O desejo está realizado.

José Tarcísio Ramos tornou-se, nos idos da turbulenta década de 60, um renomado artista plástico brasileiro. Era tudo aquilo que pretendia ao seguir o conselho do mestre Antonio Bandeira: "Deixe o Ceará, aqui não tem campo pra você nem pra sua arte". Zé partiu para voltar anos mais tarde e então perceber que seu lugar era mesmo o Ceará, mais precisamente a praia do Cumbe, afastada alguns quilômetros da cidade de Aracati, no litoral do Ceará a 163 km de Fortaleza.

O local lhe foi apresentado por um amigo. Zé Tarcísio ali se encontrou. Logo se encantou com a beleza nativa, que lhe serve de inspiração para suas telas atuais, da fase "Kaosmos" - emblemático para denunciar sua preocupação ambientalista, que o levou até mesmo a uma tentativa frustrada de concorrer a uma vaga na Câmara Municipal de Aracati, nas últimas eleições.

A trajetória artística de Zé Tarcísio tem raízes nas passeatas estudantis de 1968, quando deixava nos lençóis estendidos nas janelas do Rio os protestos impressos da rebeldia. Passa pela Bienal de Paris (1971), com a instalação "Réquiem para o Último Artista", que de resto lhe rendeu tanta fama quanto problemas com a ditadura militar - lembranças que um emocionado Zé Tarcísio evita falar.

É verdade que os caminhos que percorreu foram longos - e tantos. Foram diversas "profissões" - locutor-mirim (!), vendedor, fotógrafo - mas sempre artista. Tanta inquietação do passado cedeu lugar hoje a um Zé Tarcísio fleumático, cujo sossego maior é o bistrô "Romance", inaugurado em outubro de 93 na praia do Cumbe, do qual toma de conta como uma criança, para depois ser "tomado de conta" por ele.

Na simplicidade de Zé Tarcísio reside a sabedoria. Na sua arte, poesia concreta, a mensagem de um homem em paz consigo mesmo e com o mundo - tal como deixa transparecer ao longo da entrevista. Zé Tarcísio é assim: apaixonante. Certamente porque acreditou no conselho que insistia sua mãe: "O mundo é nosso". Para vivê-lo, na lição de Zé Tarcísio, não é necessário fama, dinheiro, estresse. Como sua arte, Zé também é zen.

**Entrevista com o artista plástico José Tarcísio, dia 02/12/93. Produção:** Cristiane Parente, Luciana Rabelo e Luziania Xavier  
**Abertura:** Leonardo Pinto **Redação, edição e texto final:** Cristiane Parente, Luciana Rabelo e Luziania Xavier  
**Participação:** Ana Maria Xavier, Ana Paula Farias, Carla Soraya Florêncio, Christine Meireles, Cristiane Parente, Djane Nogueira, Eleuda de Carvalho, Karine Rodrigues, Leonardo Pinto, Luciana Rabelo, Luziania Xavier, Maurício Lima, Mauro Costa e Roberta Manuela **Foto:** Arquivo de 'O Povo'

**A** arte de Zé é zen. Não precisa explicação. Guarda a atemporalidade, como na música de Gil, "não tem sentido, não serve pra nada e é pra ninguém". É tão bela que jamais poderia ser *transcrita* fielmente num texto escrito sem prejuízo da perda de impacto; deve, portanto, ser admirada e apreciada *in loco* para ser interpretada na sua magnitude.

Assim é que se torna mais adequado falar do artista Zé, um menino aos 52 anos - cuja aparência, a não ser por uma estética hippie, não deixa revelar -, que retornou a sua origem cearense depois de cumprir um objetivo: vencer fora do Estado, conquistar o Brasil e depois o mundo.

Filho de mãe artista, desde pequeno o menino mostrou que seguiria os pendores maternos. Além de artista, arteiro: no desapareço pelo estudo formal, no Colégio Sete de Setembro, uma descoberta que amoleceria o coração rígido do então diretor: o aluno Zé faltava aulas para se aprimorar no estudo da vida do Padre Antonio Tomás, sobre quem responderia no programa "O Céu É o Limite", no rádio.



Zé chegou à sala de redação às 14:40, de calça jeans, sandália de couro, brinco, anel, pochete artesanal e o velho brilho nos olhos azuis.

A mãe de Zé Tarcísio, Marieta Ramos de Oliveira, era uma artista plástica também. Ela fazia trabalhos usando papel crepom.

**Entrevista** -- Pra começar eu queria falar sobre o bistrô Romance, que você inaugurou agora, no dia 25 de outubro de 1993. Como é esse teu projeto?

**Zé Tarcísio** -- Bom, quando a gente tem um neném a gente tem cuidado, né? Então, tá nessa fase. O bistrô é um neném. É uma coisa nova na minha vida. Pela primeira vez eu assumi uma de dirigir uma coisa assim, comercial. Então, não deixa de ser um neném, com cuidado. Falta muita coisa. Erros aqui, acrescenta-se ali. É uma coisa nova pra mim. Agora o projeto é sério. O nenenzinho que eu tô criando é pra ser minha babá futuramente. Porque, como artista, a gente tem momentos que vende, momentos que não vende, e eu precisava encontrar o caminho para que viesse futuramente me facilitar um pouco a vida, que tá difícil essa parte financeira, essa coisa toda. Então, tá sendo um neném bem criado, bem cuidado, pra não dar problema quando ficar mais velho, quando ficar adulto. Eu tô moldando uma coisa parecida comigo. Aquela coisa que fique fácil de se acompanhar. Já observei muito as pessoas que têm isso, que fazem isso, colocam isso na vida. Procurando já fazer algumas coisas, consertando algumas falhas, ouvindo amigos que têm empreendimentos como esse. Esse projeto é pra isso mesmo: é pra me manter futuramente e deixar o artista mais solto, sem a preocupação do dia-a-dia. Isso é que atrapalha muito o processo de criação da gente. Problema financeiro atormenta qualquer pessoa.

**Entrevista** -- Mas a tua gerência no bistrô e a tua dedicação não tá atrapalhando de certa forma tua produção na arte?

**Zé Tarcísio** -- Não...

“Eu vi que não era só uma entrevista rápida pro jornal, não. Era uma coisa maior. Que vai ser escrita e feita por vocês.”

**Entrevista** -- Só complementando: o que vem a ser uma coisa parecida contigo. Você disse que o bistrô é uma coisa...

**Zé Tarcísio** -- É o descontraído, é o descontraído. Eu conversei com os colegas, que devem se manter sempre felizes, o pessoal que trabalha comigo.

Mesmo ganhando pouco - porque às vezes a gente não pode nem pagar muito. Quase ninguém paga bem. Mas, se manter feliz, alegre... Essa história, de comer feijão e arrotar caviar, sabe? (Pausa) Eu queria só falar um pouquinho o que foi pra mim esse convite (para ser entrevistado), o que eu associei de parecido. Em 14 de maio de 1950 eu fiz a Primeira Comunhão, mas em dezembro, a minha mãe me disse: “Olhe, você vai fazer a Comunhão em maio”. Então, eu fiquei pensando na Primeira Comunhão todo o tempo. Quando a Cristiane me procurou, que me falou, eu já tinha visto na Casa Amarela (núcleo de cinema e vídeo da UFC) um número anterior da revista, achei muito interessante. E, no dia que eu vi, eu disse: “Ih, será que eu ainda vou pintar nessa?” Porque eu achei interessante, a Ângela Borges, o Lino Villaventura. Ai, coincidentemente, eu fui convidado. E fiquei nesse período de espera parecendo Primeira Comunhão, associei a espera a essa sensação que eu tive quando fui fazer a Primeira Comunhão, de esperar o maio. A mesma coisa aconteceu. Incrível, hoje a Cristiane (que foi buscá-lo em casa) atrasou um pouquinho e eu fiquei já com o telefone na mão: “O que é que houve?” (risos). Então, eu parei pra dizer isso: a importância pra mim que foi esse encontro aqui como pessoa que já tem uma coisinha na vida e que é muito importante. Eu vi que não era só uma entrevista rápida pro jornal, não. Era uma coisa maior, que vai ser escrita e feita por vocês que futuramente estarão aí, na batalha, que vão se encontrar com a gente. É interessante. E mesmo como base, né? Porque coisas que eu li nas revistas que já saíram, é um trabalho sério... cuidadoso, e eu tô vendo aqui que o negócio é pra valer mesmo.

**Entrevista** -- Na tua vida você já teve essa sensação de Primeira Comunhão em outros momentos?

**Zé Tarcísio** -- Toda vida que alguma coisa é preparada com antecedência - como essa foi minha primeira grande emoção, a Primeira Comunhão -, de esperar uma coisa... Tanta responsabilidade, de botar o Cristo lá pra dentro. Então, sempre foi uma emoção marcante. E quando qualquer coisa me deixa assim na expectativa - me parece. Eu acho que uma exposição que eu fiz no Rio de Janeiro, uma individual, me deu emoção também. A minha primeira individual na Galeria Boninno, em 1969, foi um momento de grande emoção. Essas emoções eu sempre comparo: Primeira Comunhão, segunda, terceira...

**Entrevista** -- Voltando à pergunta da Ana, ela te perguntou se o bistrô atrapalhava a tua criação.

**Zé Tarcísio** -- Tá sendo mais cansativo no momento. Porque o bistrô é quinta, sexta, sábado e domingo, a partir das 18 horas. Segunda-feira eu realmente não faço nada, mas terça eu tenho que vir pra Fortaleza. Terça, quarta, quinta até o final da tarde quando eu vou. E lá eu tenho um auxiliar, o Zé Correia, que é artista plástico, aliás, é o responsável pela minha ida pro Aracati, em 74. Ele que me deu as dicas do que é o Aracati, o povo, essa coisa toda. Então, eu convidei Zé Correia pra me dar uma força nesse momento. Tô com uma equipe legal, mas ainda tá... Tenho muito prazer na coisa, quer dizer, não cansa. Tenho muito prazer em fazer isso.

**Entrevista** -- A gente da capital tende a pensar que só há vida cultural em Fortaleza. Eu pergunto se o bistrô tem dado retorno como investimento, se as pessoas se interessam. Aracati, aparentemente, é uma cidade de interior sem a pujança de Fortaleza. Como é que tem sido o retorno lá?

“Os pratos e bebidas são em torno da obra de José de Alencar. Quer dizer, você pode comer Iracema lá em casa... uma Senhora...”

**Zé Tarcísio** -- Essa pergunta... Engraçado, quando eu morava em Fortaleza pensava que só tinha cultura no Rio de Janeiro. Ai eu saí daqui por causa disso, quer dizer, fui atrás de uma coisa maior. Hoje tá bem diferente. O interior proporciona à gente pensar mais, ver mais. Não tem tantas interferências que a cidade tem. A minha ida pro interior foi importantíssimo, foi um renascimento. Agora quanto ao bistrô no interior... É interessante, eu não sinto muito a diferença. As pessoas vão normalmente, como vão aqui no Coração Materno, no Cais Bar (dois bares famosos de Fortaleza). Chegam lá, sentam. A mesma coisa, a sensação é a mesma. Eu nem me sinto que tô em lugar nenhum, tô naquele lugar. Não dá nem pra pensar que tô no Aracati.

**Entrevista** -- De onde surgiu o nome do bistrô?

O primeiro emprego de José Tarcísio foi na Casa Parente, quando ele tinha 16 anos. Sua função era limpar a seção de tapeçaria.

**Zé Tarcísio** -- O nome é Romance. Bistrô é uma palavra francesa, um lugarzinho gostoso, onde se roda comidinha, bebida, se fala e se tem cultura. Então, é o nome que se dá a um ambiente assim.

**Entrevista** -- E o Romance?

**Zé Tarcísio** -- Romance. Bom, eu moro na rua José de Alencar e tava atrás de um nome para o bistrô. José de Alencar é um romancista. Abriu-se um leque de possibilidades da gente começar com cultura, brincando, oferecendo o bom. Chama-se Romance dado à rua José de Alencar e os pratos e bebidas são em torno da obra de José de Alencar. Quer dizer, você pode comer "Iracema" lá em casa... (risos)

**Entrevista** -- "Pata da Gazela"...

**Zé Tarcísio** -- Você pode comer uma "Senhora". Uma "Luciola"...

**Entrevista** -- Uma "Viuvinha". Em "Cinco Minutos", não?

**Zé Tarcísio** -- Se quiser uma coisinha diferente tem Peri e Ceci (risos).

**Entrevista** -- Por falar em nomes, o seu espaço aqui na Praia de Iracema é o Coração Materno, que a gente já reporta a um sucesso do Vicente Celestino. A sua ligação com os nomes das palavras é um negócio muito interessante. E aí eu já tô dando um salto no tempo e me reportando aos anos 80, quando você bolou um Natal diferente pra essa cidade de Fortaleza e criou uma produtora que era a Por Hipótese Produções. Quería que você falasse antes ainda desse Coração Materno e depois dessa sua relação com os nomes das coisas.

**Zé Tarcísio** -- O Coração Materno é invenção do Nonato (Freire, promotor cultural). A invenção do local é que foi minha. Eu tô há dez anos naquele pedaço, convivi sempre, durante o dia, com o pessoal de carga pesada. E, à noite, com aquele pessoal que tem a vida fácil, os cabarês, aquela coisa toda de vida fácil que não é tão fácil assim. O Nonato vivia montando e brigando com as pessoas que ele criava um bar. Há pouco tempo ele tinha feito o Tico-Tico no Fubar, e pouco dias depois brigado com o pessoal. Tinha ajudado criar o Ânima, poucos dias depois tava assim. Então, tava na hora do Nonato experimentar uma coisa pessoal. Surgiu embaixo lá de casa, do meu ateliê, um espaço aí eu fui buscar o Nonato, ele topou na hora e o Coração Materno pintou assim. Hoje é um lugar onde eu não preciso andar muito, desço e tô no bar. Recebo

meus amigos no bar. Não precisa nem utilizar ali em cima. Qual foi a pergunta mesmo?

**Entrevista** -- Essa ligação forte que você tem com as palavras.

“ A dificuldade que a gente tem com o mundo oficial e a cultura, tá muito mais no papel, na utopia, nos sonhos do que no real. ”

**Zé Tarcísio** -- Pois é, Por Hipótese foi uma coisa que também saiu. Por Hipótese, por que não fazer isso? É a dificuldade que a gente tem com o mundo oficial e a cultura. Tá muito mais na utopia, nos papéis, nos sonhos do que no real. Então, eu sempre procurei o poder, pra solicitar alguma coisa, mas sempre encontrei assim grandes dificuldades. Não sei se é porque eu não comungo muito com o poder mas... Resolvi criar uma empresa chamada Por Hipótese, por hipótese vou fazer isso. Então, Por Hipótese ficou o nome da empresa cultural. Vivia numa casa por um tempo e esse tempo demorou sete anos e eu aproveitei e transformei a casa num espaço onde podia acontecer qualquer coisa. Exatamente para cobrir a lacuna da falta de espaço, a falta de oportunidade. E ali, tivemos oportunidade durante três anos de funcionar na (rua) Carlos Vasconcelos, encontros interessantes. Gilmar de Carvalho (professor de Comunicação Social da UFC) foi uma das pessoas que ficou muito feliz. Lançou um livro lá. Yeda Estergilda (poeta cearense), Carlos Emílio (Correia Lima, escritor cearense), Dioguinho

“ Toda criança gosta de rabiscar, desenhar. Uns vão ser doutores, jornalistas, militares. Eu acho que continuei menino, né? ”

Fontenele (poeta e escritor), alguns artistas plásticos. Iniciamos com o Natal com Arte. Entrei em contato com todos os colegas, solicitei de cada um três trabalhos de no máximo 30cm por

30cm, a três mil cruzeiros na época. E colocamos isso à venda, pra se adquirir e se presentear um presente querido, duradouro, uma coisa diferente. Foi aceito muito bem pelas pessoas. Tivemos um recorde de venda. Todos os artistas venderam tudo, chegaram até a criar mais coisas pra essa festa. Foi uma noite muito bonita. E tivemos vários encontros, de literatura, teatro, música. Mas isso muito particularmente, sem apoio nenhum da prefeitura ou do governo, a não ser um chopinho cedido pela Brahma, que foi muito gentil.

**Entrevista** -- Em que época foi isso?

**Zé Tarcísio** -- No início dos anos 80.

**Entrevista** -- Hoje não é mais possível fazer um tipo de festa como essa?

**Zé Tarcísio** -- Tá tudo muito difícil. As coisas têm mudado muito. Hoje já é mais difícil a pessoa... Por exemplo, eu presentear o Aracati com a idéia como bistrô, né? Não deixa de ser um presente que eu tô dando pra uma cidade que gosto muito. Mas a gente não pode mais dar nem um guaraná, não. Tá muito caro. Muito difícil.

**Entrevista** -- Onde é que a arte começou a entrar na tua vida? Onde é que foi o ponto de partida, foi desde o nascimento, com a tua mãe artista? Ou teve um período determinado? Você pode precisar isso?

**Zé Tarcísio** -- Nas calçadas da Vila Diogo onde eu nasci, foi lá que eu acho que começou tudo. Com carvão, giz nas calçadas, essa coisa toda, como menino desenhando. Depois no banheiro da escola. A gente ia no banheiro, escrevia as coisas, xingava as pessoas e fazia uns desenhos. Eu acho que essas coisas nasceram assim, devagarzinho. Hoje eu acho que foi o embrião da coisa. Toda criança gosta de rabiscar, desenhar. Uns vão ser doutores, outros vão ser jornalistas, outros vão ser militares. Eu acho que eu continuei menino, né?

**Entrevista** -- Você trabalha com vários materiais, mas qual o seu preferido?

**Zé Tarcísio** -- É tentador um papel e um lápis na minha frente. Isso aí é uma coisa fatal. Tendo um lápis e um papel por perto eu vou estar sempre rabiscando. Às vezes até quando a peça tá feita... Mas ela foi criada no ato do desenho, até no papelzinho que depois se perde. Mas ali é que ficou registrado.

**Entrevista** -- Você começou como menino, rabiscando. E quando foi



Zé fez roteiros para o cinema. Amigo de Elba Ramalho, Zé Tarcísio a convidou para estrelar seu 1º filme, "Maria dos Santos".

Zé Tarcísio não nega a influência que recebeu de Tomie Othake, Di Cavalcante, Jean Pierre Chabloz, pessoas que ele admira.

Além da pintura, Zé Tarcísio tem como hobbies dançar e rir do mundo. Adora sentar em uma mesa com amigos e se divertir.



Ao ser perguntado sobre o que gostaria de comer durante a entrevista, Zé achou o máximo e pediu "melão gelado com queijo".

Antes da entrevista, Zé Tarcísio pediu para não falar a respeito do momento atual brasileiro. Para ele, tal momento é um pus.

que partiu a sua decisão de ser o artista Zé Tarcísio? Quando foi que você começou a desenvolver de fato um trabalho nessa área?

**Zé Tarcísio** -- No curso primário ainda, chegou o final do ano e uma professora me mostrou e disse: "Olhe isso aqui é a capa da sua prova". Ela me mostrou. Aí eu digo: "Olha, eu não quero essa capa não, muito feia". Sabe, tinha sido feito por ela. Aí eu olhei a dos outros meninos e tudo muito feio. E ela se sentiu agredida quando eu disse que era muito feio. "Então você vai fazer a sua". Aí eu fui pra casa e fiz uns gatos jogando futebol, voltei com a capa pronta e a meninada não quis a capa da professora. Foi um laboratório, foi ótimo porque todo mundo foi fazer a sua capa. Aí a professora disse: "É, ele faz porque é artista". Eu acho que também tem esse momento, porque a palavra artista...

**Entrevista** -- Essa boemia do artista. Em que ela te dá inspiração?

**Zé Tarcísio** -- Boêmio, boêmio eu nunca fui, não. Assim curtir a boemia por boemia, não. Tem muitos artistas. Eu acho que na música tem mais possibilidades de se desenvolver uma coisa aliada à boemia e à arte. Já o artista plástico, não, é mais tinta, é mais coisa, é mais carvão, é mais papel, é mais volume...

**Entrevista** -- Onde você vai buscar inspiração?

**Zé Tarcísio** -- Onde eu vou buscar inspiração?

**Entrevista** -- É.

**Zé Tarcísio** -- Olha, a inspiração sempre tá passando. A gente é que pega ela, de repente. Eu não vou assim, nunca pesquiso, nunca vou atrás, não. Não pinto assim, não.

**"Está sendo preparada uma retrospectiva do Antonio Bandeira. A primeira grande homenagem ao Bandeira está sendo feita em SP."**

**Entrevista** -- Você conheceu o Antônio Bandeira, um dos pintores mais famosos do Ceará. E você é uma das pessoas que guardaram esses rabiscos dele, como é que foi isso?

**Zé Tarcísio** -- Bom, convivendo com ele...

**Entrevista** -- Como era o Bandeira?

**Zé Tarcísio** -- Digo já como é que era o Bandeira. Eu acho que com a convivência com Antônio Bandeira, e aquela coisa do artista de pegar as coisas, botar ali... Eu também tenho hoje... As minhas gavetas são entupidas. De qualquer forma eu queria ficar perto do Antônio Bandeira. Pela oportunidade que eu tinha de conhecer pessoas. Antônio Bandeira era uma pessoa muito sociável. Recebia muita gente. Eu conheci Eneida (jornalista, contista paraense, autora do livro 'No país do carnaval'), Homero Homem (escritor), conheci essa gente toda. Poetas, Vinícius de Moraes, Valmir Ayala. Eu conheci através de Bandeira e isso pra mim era uma oportunidade de fazer a minha universidade. De conhecer pessoas, ouvir pessoas. Eu tava predisposto pra isso tudo. Comecei a fazer as coisas com Bandeira. Eu dizia: "Bandeira, e isso aqui? Você sabe que ano é isso?" "Isso é 45." "Ah, 45!" E comecei a arrumar as coisas dele. "Pra que você quer essas coisas?" Era um laboratório. E, quando o Bandeira voltou pra França, eu tinha muita coisa lá. "Ah, fica com isso aí pra você." Esse hoje é um material preciosíssimo, que é exatamente a alma da coisa, aqueles rabiscos. Hoje, com o Bandeira falecido, isso tem um valor fora de série, um valor cultural, um valor de todas as formas. Inclusive como informação.

**Entrevista** -- Esse material está todo em seu poder? Outras pessoas têm acesso?

**Zé Tarcísio** -- Esse material do Bandeira? Esse material do Bandeira hoje tá comigo. Já foi visto por algumas pessoas. Está sendo preparada uma retrospectiva do Antônio Bandeira -- a primeira grande homenagem ao Antônio Bandeira está sendo preparada em São Paulo. E esse material vai ser de grande importância. Agora, é um material interessante, que, além de ter rabisco, eu tenho tudo que saiu sobre Bandeira em forma jornalística. Eu tenho recortes de jornais. Com essa minha dedicação a isso, o Bandeira me passou muita coisa que ele também tinha, recortes. A partir daí eu comecei ir a jornais, procurei arquivos pra tirar fotos. Geralmente tinha duas, três cópias e eu solicitava uma. O acervo é riquíssimo. Eu acho que tudo que se fosse escrever sobre Antônio Bandeira é um ponto importante de pesquisa. Gostaria que esse meu material fosse adquirido, porque não deixa de ser um trabalho de anos de pesquisa. Gostaria que esse trabalho fosse incorporado ao patrimônio

pra que as pessoas pudessem ter acesso. Pra vocês, da área jornalística, é interessante ter acesso a isso. Jornais de todo o Brasil. Eu tenho o primeiro recorte de jornal de 1945, quando ele fez uma exposição em benefício do Partido Comunista Brasileiro, com a participação do

**"Às vezes a gente manda pra um salão, pra uma exposição, volta o quadro arranhado, manchado, desembalado..."**

Portinari e de artistas importantes da época. E tava um grupo de cearenses chegando, Aldemir Martins, Inimá de Paula, ele... Tem disso tudo, até o traslado, até as últimas coisas que foram publicadas sobre Antônio Bandeira. O Antônio Bandeira era um homem muito bonito. Era uma pessoa muito bonita, a pele... Aquela pele bem queimada, o cabelo liso, ele bem jovem começou a criar um cavanhaque branco, cultivar aquela coisa. Bandeira era uma presença, quando chegava todo mundo virava. Um seu riso franco, fácil. No abraço, o Bandeira era muito assim... Então, isso faz com que a pessoa também fique mais bonita, essa simpatia. Bandeira era um homem muito bonito.

**Entrevista** -- Você falou na importância do acervo e do patrimônio cultural. Há alguns meses tava o auge aquela história dos quadros (desaparecidos do acervo) da Casa Raimundo Cela. Qual a sua opinião sobre a relação do governo e da prefeitura com o patrimônio artístico da cidade de Fortaleza e do Estado?

**Zé Tarcísio** -- Olha, nós estamos com quanto tempo que isso aconteceu, uns dois meses?

**Entrevista** -- É.

**Zé Tarcísio** -- Se fala? Não se fala mais. Então, é isso. É tudo momento. Apareceu o inquérito, a polícia, essa coisa toda. Mas tudo já de águas abaixo. A gente pensa que ia ter que começar sempre as coisas de novo. Isso é o que me faz não conviver bem com a coisa.

**Entrevista** -- Você é uma pessoa muito viajada, morou muito tempo no Rio e tal. Insisto: em a relação ao

Zé Tarcísio é do signo de Aquário e nasceu em Fortaleza no dia 8 de fevereiro. É filho único, mas diz que nunca se sentiu só.

patrimônio. É uma coisa generalizada, esse descuido com o patrimônio cultural no Brasil? Uma comparação entre o Ceará e Rio de Janeiro.

“Ele foi muito bem recebido pela imprensa (...) pelo público da Bienal. E depois eu volto pro Brasil e o trabalho não voltou.”

**Zé Tarcísio** -- No mundo inteiro acontece... Ultimamente foram roubadas telas de artistas famosos. Os museus com os maiores cuidados de segurança, você vê que aqui e acolá tá acontecendo roubo. E, no Rio de Janeiro, no próprio Museu Nacional desapareceram peças importantes. É sempre procurado. Mas no caso da nossa Casa de Cultura é desleixo mesmo, falta de atenção geral mesmo. E promessas, promessas... A gente vive de promessas. Voltando a falar de determinadas seguranças. Na minha última exposição que eu fiz no Museu Nacional de Arte do Rio, eu doei um trabalho - que tem diversas fases minhas no museu, mas tava faltando uma fase - então eu doei um trabalho de uma série de desenhos para ilustrar a fase. No dia seguinte da doação me veio a pessoa responsável pelo acervo com um levantamento por escrito do que era o trabalho. Era x por x, sobre isso, tal técnica, foi usado isso e isso. Então isso, esse tombamento do trabalho, a gente se sente seguro. Mesmo que o trabalho se perca um dia, mas se tem uma radiografia do que é o trabalho, para eventuais buscas, pesquisas e procura. No daqui, não. Nada disso aconteceu. E essas doações, cinco artistas fizeram uma exposição, doaram pro museu, tal. Mas eu perguntei ao Zé Guedes (artista plástico): “Já tem algum papel de doação sobre isso?” Zé Guedes disse: “Não, só tem o catálogo.” É muito pouco. Então, já que se quer fazer um museu com essas doações, o pessoal deve começar assim. Como se faz um tombamento de uma obra de arte. Eu acho que é necessário se começar por aí. Às vezes a gente manda pra um salão, pra uma exposição, volta o quadro arranhado, manchado, desembalado -- quando a gente entrega embalado. É feito o julgamento e depois esse quadro fica esperando que o autor venha buscar. Muitas vezes a gente encontra o trabalho avariado.

**Entrevista** -- Em 90, houve uma retrospectiva no Mauc (Museu de Arte da UFC) de 30 anos do teu trabalho. E na entrada do Mauc ficava aquele trabalho teu, “Réquiem para o Último Artista”, se não me engano, um caixão de defunto belíssimo, colorido, as velas...

**Zé Tarcísio** -- O caixão ou o defunto?

**Entrevista** -- O caixão (risos). Aquela obra ali foi realizado por você em 69. Você guardou durante esse tempo e conservou esse trabalho. Houve um estrago dessa montagem? E como foi essa retrospectiva?

**Zé Tarcísio** -- Aquele trabalho, em 1971 ele foi cortado no Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio. Foi cortado... Na época a censura era muito terrível... E em seguida o Valmir Ayala - que fez parte do júri, foi a única pessoa que votou no trabalho, mas os dois outros jurados cortaram o trabalho e o trabalho voltou pra casa - e o Valmir Ayala no mesmo ano foi escolhido pra ser o delegado da representação brasileira na 7ª. Bienal de Paris e me indicava pra participar. Aquele trabalho participou, em 71, teve um momento muito bom. Ele foi muito bem recebido pela imprensa, pela crítica, pelos participantes e pelo público da bienal. E depois eu volto para o Brasil e o trabalho não voltou. Eu procurei pelo Itamaraty e eles disseram: “Não, é melhor você ficar na sua, nem procurar o trabalho”. O trabalho foi confiscado pelo poder e eu não encontrava isso em lugar nenhum. Quando veio a anistia eu recebi um recado de que o trabalho tava lá no Itamaraty. Aí cheguei lá e disseram: “Não, é porque o trabalho ficou aqui, tava no porão, essa coisa”. Quer dizer, muitos trabalhos foram censurados, ficaram guardados. Que era exatamente o subsídio que se tinha

“... O mundo inteiro tava concentrado em fazer manifestações contra a ditadura militar, contra a vida que se levava no Brasil.”

para alguns momentos desagradáveis depois que podiam surgir com os autores. E eu recebi o trabalho. Apenas tava com os vidros quebrados, mas ele estava mais ou menos perfeito. Quer dizer, pelo menos ti-

veram o cuidado de não estragar. Tava um pouquinho só, mas foi restaurado e nesses 30 anos soube muito bem mostrar que foi uma peça que causou bastante polêmica lá fora.

**Entrevista** -- E qual foi a inspiração do “Réquiem para o Último Artista”? Tanto podia ser uma interpretação do artista do momento em que se vivia ou teve uma outra história?

**Zé Tarcísio** -- Eu tinha que trabalhar com muito cuidado. Você tinha que falar uma coisa, você não tava feliz com o momento, então você tinha que ter o cuidado do que apresentar pra dizer a mesma coisa, mas que fosse só percebido depois. Eu coloquei o nome de “Réquiem para o Último Artista” e escrevi um texto pequenininho que dizia assim: “Essa obra que eu apresento está enquadrada dentro do conceitual, uma obra de vanguarda, de instalação. Eu quero deixar aqui que a gente deve ficar atento para o acontecimento, ouvir as coisas, saber dizer as coisas, ficar atento de todas as formas e saber dizer as coisas. Porque se a gente não ficar ligado em todas essas mudanças que se apresentam no dia-a-dia... Ali eu deixo como uma peça para o enterro do último artista, do último homem.” E isso era o um texto-legenda pequenininho, mas que ali tudo tava inserido: o nosso Brasil, a nossa cor, o nosso Carnaval, a nossa forma colorida de vida. Porque o Brasil é reconhecido e realmente é um país extremamente bonito e colorido, cheio de coisas. Então, deixava uma indagação. se eu dissesse que aquilo era a posição que eu tomava, então mais uma vez eu ia cair nas malhas do pessoal e a obra ia ser destruída. Mas logo que a obra desembarcou no país ela foi entendida pela situação brasileira. Uma coisa que vinha do Brasil, no momento em que aqui não se sabia de nada. Era “Ame-o ou deixe-o”, “Pra frente, Brasil”, aquela música... E, lá fora, o mundo inteiro tava concentrado em fazer manifestações contra a ditadura militar, contra a vida que se levava no Brasil, as torturas... Então, coisas que a gente não sabia que aconteciam no Brasil, lá fora você sabia de boca a boca, os jornais davam. A obra foi recebida nesse tom. E um grupo de artistas me pediu que a obra se deslocasse do local. A obra saiu de Paris e chegou a ficar parada em frente à Embaixada brasileira, no silêncio, com mais de 10 mil pessoas em frente. Uma grande manifestação contra a situação política brasileira. Isso fez com que eu fosse chamado atenção, que meu passaporte fosse



Em sua primeira experiência no cinema, Zé Tarcísio contracenou com artistas de peso, como Arlete Sales, Lúcio Mauro e outros.

Devido ao sucesso do filme “Terra sem Deus”, todo o elenco foi contratado pela extinta TV Tupi. José Tarcísio estava no grupo.

As obras de José Tarcísio têm um profundo cunho ecológico. Ele é militante do Partido Verde e foi candidato a vereador em Aracati.



Um lema que Zé carrega desde pequeno consigo é "O mundo é nosso". Com ele, Zé procura vencer seus obstáculos.

trocado e fui detido quando desembarquei no Rio. E a peça não voltou a minhas mãos como tava previsto. Só anos depois. A peça tinha sua conotação política, mesmo silenciosa, mas a gente tava tentando dar o recado. Uma experiência que tinha tido anteriormente como artista, em 68, dando minha contribuição denunciando o momento, a morte do Edson (estudante Edson Luís, assassinado por militares no restaurante Calabouço, no Rio) e outras coisas, me rendeu uma prisão, alguns momentos difíceis, algumas porradinhas -- pra não dizer grandes porradas. Por isso que a gente ouve muito pouco hoje (referência ao problema de surdez que tem. Embarga a voz). Eu não queria falar muito sobre isso, não, porque isso me emociona (Pausa longa).. Eu queria muito ceder no assunto, nesse assunto, porque é um assunto que eu...

“ A coisa nordestina, a arte popular nordestina é muito forte, né? Então eu peguei essa coisa que temos... e levei pra galeria.”

*Entrevista -- Então a gente podia falar noutra coisa, como, por exemplo, essa primeira exposição individual na galeria Boninno, no Rio de Janeiro e que, como você mesmo conta, foi a segunda Primeira Comunhão e, segundo consta, foi uma exposição muito interessante porque aliou coisas do Nordeste como bandeirinhas, carrinhos... Tinha uma idéia assim de uma grande feira, mais ou menos de uma grande.*

*De quem foi essa concepção? Da galerista? Tua? Como é que foi isso?*

**Zé Tarcísio** -- Bom, o pop tava invadindo aqui o Brasil, né? A manifestação da arte pop dos Estados Unidos tava invadindo aqui a camada artística brasileira. E eu tinha um referencial muito grande que era o pop que nós temos, né? Que é uma coisa pop mesmo, nossa, a coisa nordestina. A arte popular nordestina é muito forte, né? Então eu peguei essa coisa que nós já temos de raiz e levei para a galeria. Levei pra lá com uma outra conotação. Essa borboletinha, que nós conhecemos na feira, que abre e fecha as asas, eu coloquei isso numa escala alegórica. Muitas vezes a pessoa tá com um tempo de visão tão acostumada a ver as coisas

grandes, brilhosas, que dizer, uma coisa tão simples passa despercebida, ingênua, uma coisa criada pequenininha, a gente nem percebe porque tamos acostumados já ao brilho, à coisa grande, à fantasia, à alegoria, não é isso? Então, eu peguei essas coisas simples, essas coisas nossas aqui, os brinquedos de infância, essa coisa toda e levei para escalas bem maiores. E a primeira manifestação que eu fiz da rua foi também surpreendente. Porque, de repente, a Avenida Rio Branco fechou, dado aquela invasão do meu material em escala maior, as pessoas pararam, os edifícios ficaram cheios de gente e que foi um happening, uma coisa que eu não esperava que viesse a acontecer, aconteceu. E isso evidenciou o artista. Aí fiquei, fui convidado pra trabalhar com essa galeria, com a qual eu trabalho até hoje, a partir de 1969. E uma galeria que costumava receber pessoas da alta burguesia, segundo Vera Pacheco Jordão, que era crítica de "O Globo"... Eu me lembro que ela disse: "Galeria que costuma receber pessoas da alta sociedade". Pessoas acostumadas no meio assim, que não recebia pessoas de cor - ela diz isso -, pessoas pobres, e foi invadida por essa gente. Ela diz até: "lugar que preto tem mais oportunidade de entrar pelas salas, pelos corredores de serviço, do que entrar nas salas de arte". Então, a exposição marcou o momento forte, porque a galeria - dona Giovanna Boninno, saudosa memória, entendeu perfeitamente a minha visão como artista, mesmo a minha origem. Eu disse a ela: "Olha, eu venho de uma origem que eu quero que as pessoas da minha origem entrem também aqui". E ela abriu a galeria pela primeira vez... Antônio Bandeira, eu tive que ter um convite na mão. Lá expunham Djanira, Di Cavalcante, Portinari, Volpi, Antônio Bandeira, Aldemir Martins e, de repente, ela abria a galeria pra um jovem que tava começando, uma pessoa que ainda tinha pouco conhecimento no Rio. Foi importantíssimo. Foi um furor, essa exposição no Rio de Janeiro. Mais uma vez o trânsito da Barata Ribeiro foi tomado pela multidão de pessoas e foi uma festa grande. E todos participaram, tinha muita pipoca, muita coisa ligada à infância, língua de sogra, bola de soprar. Isso nunca havia acontecido. E daí pra frente eu fiquei sempre solicitado pra esse tipo de coisa. Eu acho que foi aí que começou a historinha desse artista mais polêmico, essa coisa toda começou aí.

*Entrevista -- Você foi foca de reda-*

*ção. Eu queria saber se o fato de você ter trabalhado no jornal influenciou o teu trabalho. Porque ele às vezes tem um caráter de denúncia muito forte. Então, se esse fato te influenciou, influenciou o teu trabalho, ou se esse caráter já é anterior mesmo a esse trabalho.*

“Quando a gente tem oportunidade, a gente denuncia... Eu acho que isso tá muito no nordestino, nas pessoas que têm dificuldade.”

**Zé Tarcísio** -- Eu acho que a minha origem, a origem nossa, daqui, a gente se sente predisposto, não é? Se sente sempre predisposto. Quando a gente tem oportunidade a gente denuncia, a gente... Eu acho que isso tá muito no nordestino, tá muito nas pessoas que têm dificuldade. Sabe que tem possibilidade de fazer alguma coisa na vida, mas os caminhos se fecham de tal forma, que, quando você tem oportunidade, você tá sempre estourando. Isso a gente tem muito. Eu não trabalhei como jornalista, eu casualmente fui fotógrafo da Manchete. Mas foi uma coisa casual, tudo foi muito engraçado. Agora, eu sempre convivi muito bem com o pessoal de jornal. O "Jornal do Brasil", o Caderno B, por exemplo, eu tive um acesso nos anos 60 e 70 ao Caderno B, quando surgiu, um caderno diferente. O "Jornal da Tarde", também, um jornal diferente em São Paulo. Tudo com jovens, então você tinha mais chance, eles davam mais atenção. Uma linguagem mais próxima. Eu sempre tive contato com jornalista. Hoje todo mundo já, né... Na época, o Zózimo (Barroso do Amaral, colunista de "O Globo") tava começando. Hoje o Zózimo é uma pessoa assim, quase derrubou o "Jornal do Brasil" com a saída dele. E outros jornalistas, né? O Zevi (Ghivelder), que hoje tá no topo da Manchete, na época era uma pessoa que tava começando na Manchete... Então alguns nomes, assim, que hoje estão lá em cima, jornalistas, essas pessoas eu convivi, e também nascemos mais ou menos no trabalho paralelo. Quer dizer, foi interessante esse período.

Zé profissionalizou-se como artista plástico, mas para sobreviver trabalhou com cinema, teatro, tv, cenografia, figurino, fotografia...

Durante a infância Zé guardou carros à noite numa praia de Fortaleza, mas seu primeiro emprego foi vendedor, aos 16 anos.

**Entrevista** -- Já que a gente tá falando de anos 60... Você tava falando do seu trabalho, esse lado profissional, e eu queria meter uma outra coisa, tipo sexo, drogas e rock and roll naquele tempo. Hoje, depois a gente conversa.

**Zé Tarcísio** -- Começar por onde?

**Entrevista** -- Por onde você quiser.  
**Zé Tarcísio** -- Maconha não é droga (risos). Eu tive uma experiência muito engraçada, foi com Mandrix. Mandrix era uma bola doida. Quem nos anos 60, o pessoal dos anos 60, as pessoas assim mais ligadas ao mundo artístico, à noite, não experimentou o Mandrix? Mandrix era um calmante e dois Mandrix na cabeça e um golezinho de cana ou de qualquer coisa era um barato. Então, se curtia muito. Aí, de repente, o Mandrix desapareceu das prateleiras. Então, foi... Essa geração é a geração Mandrake. A geração que... E não tinha, não tinha colateral, não tinha nada. Você apenas ficava num momento... Eu não experimentei outras coisas, como por exemplo, essas aranhas de hoje, essas coisas assim, não. Eu acho que aquilo também era aranha, mas era uma coisa que não deixava... Deixava você torto, mas não era torto como as coisas agora que... Outras formas assim químicas que tão por aí. Então... O que mais você quer saber?

“... A repressão tá voltando todinha. As pessoas tão novamente dentro do esquema, precisando de uma outra retomada de posição.”

**Entrevista** -- Sexo e rock.

**Zé Tarcísio** -- Sexo é uma coisa muito boa. Eu acho que sem esse negócio de vucu-vucu não dá, né? Tem que ter. Isso aí é uma coisa gostosa, uma coisa que faz parte da gente. Tudo é alimento, né? Então, eu acho que, quando eu não puder mais fazer isso, aí eu tô perdido. Desde quando eu descobri que eu acho que é uma coisa gostosíssima. E, foi exatamente nos momentos da liberação, né, da liberação... A vida ficou bem mais fácil, mais clara. Então, já começou a se sair debaixo dos panos, dos lençóis, das calças. A coisa foi ficando mais clara, né? Então, foi um período interessante e

que hoje eu sinto que tá voltando tudo como era antes. Hoje, há uma repressão. Novamente, eu tô achando muito parecido. A coisa hoje, a repressão, tá voltando todinha. As pessoas tão, novamente, dentro do

“ Eu tava num caminho, sabia que eu ia passar muitos dias até chegar ao Rio de Janeiro. Aí, eu senti o que podia acontecer.”

esquema, precisando de uma outra retomada de posição. Eu acho que precisa. Pra se sacudir, realmente. E sobre rock, é uma coisa que veio para ficar. Como veio essa camiseta de malha, como veio a calça. São coisas que marcarão eternamente a vida. O rock foi uma coisa assim deslumbrante. Uma coisa que havia necessidade, realmente, nas pessoas, na juventude, era um ritmo assim, forte, universal. Então, rock é uma coisa fortíssima.

**Entrevista** -- Zé, esse teu look assim meio anos 70, de barba e cabelo comprido ainda, chinelo de rabicho. O que é isso? É mais saudosismo ou é uma vontade de perpetuar aquela época?

**Zé Tarcísio** -- Eu nunca pensei nada disso, não. A princípio é porque, realmente, fazer a barba me dá preguiça. É mais fácil aparar, né? E o cabelo grande é uma coisa, também, um pouco narcisística, né? “Ô, o cabelinho dele é crespo. É bonitinho.” A pessoa passa a mão no cabelo. É bom, né? satisfazer o ego com essa coisa. E a sandália é cômoda, é gostosa e eu consegui penetrar em todo lugar com essa minha... Meu visual. Porque ele tá dando certo e eu vou deixando. Descontraído mesmo. As pessoas gostam assim. E nunca ninguém reclamou. Às vezes, as pessoas assim reclamam, mais de outras formas. Há poucos dias, eu tava aqui em Fortaleza e fui a um banco. Eu tava dentro do banco, rodeado de segurança -- quer dizer, tava chegando ou tava saindo dinheiro, que lá fora tinha carro de segurança, tinha tudo --, uma senhora que tava na minha frente, quando ela virou um pouquinho pra trás, que viu a cabeleira, ela se agarrou com a bolsa. Quer dizer, você não vê nenhum assaltante, não vê nada com essa

aparência, né? Mas é aquela coisa: ainda existe essa repugnância em algumas pessoas. O cara de cabelo grande...

**Entrevista** -- Você falou no início da entrevista que saiu daqui de Fortaleza e foi pro Rio... Você se decepcionou, que achava que aqui não tinha cultura, não tinha movimento cultural e quando chegou no Rio, parece que teve uma decepção. Por quê?

**Zé Tarcísio** -- Bom, numa das reuniões do Bandeira -- na casa do Bandeira reunião com intelectuais, reunião com muita gente assim que era fascinante. Era uma linguagem, inclusive, um vocabulário que eu desconhecia... O Bandeira me apresentou: “Olha, aqui é um conterrâneo”. Eu trouxe meus desenhos, mostrei as pessoas. Aí, um deles -- eu não me lembro quem -- virou e disse: “É, o rapaz é bom. Veio, é bom”. Aí, aquilo me deu um toque. “Pôxa, quer dizer que os que ficaram lá não prestam?” Esse negócio de chegar lá é porque é bom. Então, foi a primeira atenção que eu tive, a primeira coisa, o primeiro toque que me pareceu, de que tinha muita coisa boa aqui, tá entendendo? Que aqui tinha tudo isso. Eu é que não tinha tido chance de perceber, de sentir isso. Mas o que acrescentou muito -- apenas fortificou aquilo tudo que eu tinha, que eu tenho ainda hoje. Só o que eu ainda não tinha tido era uma orientação da coisa, sabe, gente simples da periferia. Tudo isso, nunca eu tinha tido acesso. Eu conhecia, eu até dei uma entrevista aqui pro pessoal, que eu conhecia... Não conhecia nada do lado da Aldeota (Bairro nobre de Fortaleza), do lado Leste da cidade. Eu sempre conhecia o lado de cá. Então, era difícil por isso. Então, eu não tinha acesso. Freqüentava o Clube do Sezinha. O Sesi, ali na General Sampaio. Os domingos literários da Casa Juvenal Galeno, Conceição de Maria recitando. Só podia fazer essas coisas porque eu não tinha acesso, realmente.

**Entrevista** -- Foi mais fácil ir até o Rio do que chegar à Aldeota?

**Zé Tarcísio** -- Mais ou menos isso. Foi muito mais fácil pegar uma condução lá. Sim, eu queria só dizer que a primeira viagem que eu fui ao Rio de Janeiro foi assim, foi avião, mas fui e voltei. Isso não foi marcante. Nem nessa primeira viagem que eu fiz foi marcante. Marcante mesmo foi a minha ida definitiva, quando eu já estava a caminho mesmo foi que eu senti a verdade da coisa. Eu tava num caminho, que eu sabia que eu ia passar muitos dias até chegar ao



Na época que morava no Rio, Zé almoçava no Calabouço. Segundo ele, sua formação, idéia e semente política foram adquiridas lá.

Zé aprendeu a amar o Ceará com Antonio Bandeira, em Paris. Bandeira decorava seu apartamento com ex-votos e folhetins do Ceará.

Conheceu Aracati em 1974 e foi amor à primeira vista: pela sua natureza, juventude, riqueza cultural e pela magia do local.



Na TV Tupi, Zé trabalhou em um programa de humor. Recusou uma proposta da TV Globo porque preferia ficar atrás das câmeras.

Zé Tarcísio também fez trabalhos em teatro. Fez a sonoplastia e o figurino da peça "O Verdugo", no Teatro Oficina de São Paulo.

Em 1986, Zé foi convidado pelo Diário do Nordeste para elaborar o selo que identificaria a cobertura das eleições.

Rio de Janeiro. Aí, foi que eu senti, realmente, o que podia acontecer.

**Entrevista** -- *Você foi de "pau-de-arara" (tipo de caminhão para transporte de pessoas, muito usado no Nordeste) ?*

"... Cheguei umas 11 horas da manhã. Consegui um banho, assim muito mal e saí com a mochila pra ver Copacabana."

**Zé Tarcísio** -- Fui. Embarquei na Praça São Sebastião e desembarquei na Praça São Cristóvão (risos).

**Entrevista** -- *Você disse que saiu daqui pensando o que é que poderia acontecer quando você chegasse lá. E o que de fato aconteceu quando você chegou no Rio e sentiu que você foi pra ficar? Como é que foi esse seu sentimento?*

**Zé Tarcísio** -- Menina, eu não cheguei em Caucaia já comecei a sentir saudades. Foi fortíssima. Mas eu comecei a sentir saudades logo quando eu comecei a sair de Fortaleza. Sentia, sabe, aquela coisa, quanto mais se distanciava, mais eu sentia. Mais quando eu já estava mesmo no negócio, desembarquei, cheguei umas 11 horas da manhã. Consegui um banho, assim, muito mal e saí com a mochila pra ver Copacabana (risos). Meu sonho era ver Copacabana. Saber o que era Copacabana. Aí, eu peguei um bonde na Praça São Cristóvão e, aí pronto, quando eu cheguei no Largo do Santana, que fica próximo, fica como daqui à Praça José de Alencar, mais ou menos, eu pensei que já era Copacabana. Que aí eu vi gente, edifícios, aquela coisa, saltei, né? Não era. Era o Centro do Rio de Janeiro. Aí, isso aí demorou, né? Porque de um bonde pro outro demora, porque o bonde vai, e pára, e volta e vai. Aí, saltei. Disse: "Não, mas também não vou pra Copacabana com essa bolsa, desse jeito". E vi um prédio vermelho e tal. Fui lá e era o Corpo de Bombeiros. Aí, falei com um cara lá, um sentinela e fui explicar pra ele: "Olha, eu tô chegando do Ceará agora. Dá pra guardar minha bolsa aí? Depois eu apanho". Aí o cara falou lá e tal e disse: "Chama o Ceará aí". Ceará era um cara que tava lá e tal. Aí ele chegou e disse

assim: "Olha aí, teu primo" (risos). Foi aquela história toda. Aí eu disse a ele que tinha acabado de chegar, essa coisa toda e tal. Aí ele disse: "Bom, você... Deixa aí, deixa aí". Aí ele falou com uma pessoa que ia ficar lá de noite: "Se ele voltar hoje de noite, você entrega". Mas, aí, fui pra Copacabana. Copacabana, tomei novamente um bonde. Mas eu vi que umas pessoas, uns garotos, penduravam no bonde, né? Eu notei, e quando o trocador se aproximava, eles saltavam do bonde. E quando o bonde saía, pegavam de novo. Aí, eu perguntei: "Tu não paga, não?" O cara disse: "Não, se você ficar e o fiscal ver, você paga. O cara só vai te cobrar se o fiscal anotar que você tá com o pé no estribo". Aí eu: "Tá certo". Chegou bem no Catete, eu fiquei lá, saltei. O bonde saiu eu não consegui pegar, não tinha prática, fiquei esperando outro bonde e assim cheguei em Copacabana sem pagar. Aí, já era tarde. Não voltei pra apanhar as coisas. Só voltei no dia seguinte, na hora do rango. Lógico, né? Voltei na hora do rango, o Ceará não tava de serviço, mas o outro cara me conhecia, já almocei lá. E assim foi que a aventura começou. Mas aí, eu tinha estado em Copacabana, fiquei pela Lapa mesmo.

" Eu ia ao aeroporto não para ver avião. Mas ia pra pegar jornal. Não era estudioso, mas tava a fim de saber das coisas."

**Entrevista** -- *Zé, você falou que você é uma pessoa de atividade múltipla, né? Talvez essa atividade múltipla, esse teu jeito viajante, né, no sentido literal da palavra -- viajou muito, trabalhou muitas coisas --, isso talvez tenha influenciado no teu trabalho. Você, como artista, deve ter passado por várias fases. Será que você poderia falar um pouquinho dessas fases?*

**Zé Tarcísio** -- Bom, uma coisa que só hoje eu vejo que foi legal, que eu fiz... Eu ia ao aeroporto não para ver avião. Mas eu ia pra pegar jornal que chegava no aeroporto. No jornal, dois, três dias... Eu não era estudioso, não tava a fim de escola, mas eu tava a fim de saber das coisas. Então, o jornal era a informação. Rádio a gen-

te ouvia... Com muita dificuldade você sintonizava na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, na madrugada, né? E, eu era assim: vivia ouvindo rádio e lendo revista velha, O Cruzeiro velha, essa coisa toda. Tudo que caía nas mãos, eu ia devorando. E já tinha uma informação de coisas, né? Saber teatro de revista. O que é teatro de revista? Virgínia Lane... Essas coisas todas me deixaram curioso. Então, essa foi a minha possibilidade de chegar no Rio de Janeiro já com essas coisas. E essa multiplicidade minha, foi a curiosidade que me fez ser uma pessoa múltipla. Eu fiz cinema, fiz televisão, dancei, trabalhei em cabaré, fui comico, essas coisas todas, por necessidade mesmo de... Muitas vezes por dinheiro, às vezes porque... Aí, você pergunta?

**Entrevista** -- *Se isso influenciou na tua arte, no teu trabalho como artista plástico... E que, como artista, você deve ter tido várias fases e eu queria saber um pouco dessas fases. Como foi que ocorreu?*

**Zé Tarcísio** -- Peraí, essa fase pop, depois da coisa da reminiscência, da coisa do brinquedo, você colocar numa escala maior... Nos anos 60, depois do golpe, se ficou falando, você não encontrava... Sempre quando você tinha um grupo assim, era alguma coisa política -- ou pró ou contra. Então, às vezes, você tinha até medo de chegar por perto, pra saber se era pró ou contra. Se você tivesse num lugar que fosse a favor e você tivesse ali, então você podia ser visto naquele ambiente e ser denunciado fora que você faz parte daquela roda. Era um suplício pra o jovem curioso como eu era. Mas eu queria saber de tudo. Então, a fase que marcou muito foi os blá-blá-blás, que eu comecei a desenhar, comecei a fazer, comecei a ilustrar, com desenho, com pintura, tudo que acontecia. Então, tem essa fase que começou os blá-blá-blás. Depois vem a fase do social, do político, quando eu comecei, através do desenho, dar recados. Eu não tinha o dom da oratória, de subir lá como o (Vladimir) Palmeira (ex-líder estudantil, hoje deputado federal pelo PT-RJ), como os líderes, como as pessoas que subiam facilmente e diziam as coisas que a gente quer, então, eu via como eu podia também dizer que era contra o sistema através das artes plásticas. Eu conseguia lençóis usados, conseguia panos grandes, sacos emendados e desenhava in loco aquelas coisas que estavam acontecendo: na repressão, na polícia, vindo, invadindo as faculdades. Tudo aquilo eu dese-

nhava e levava e colocava isso em varais. Quer dizer, essa é uma fase política e ficou durante muito tempo. Eu utilizando essa coisa toda. Quando eu cheguei aqui para umas férias e expor no Sandra's (restaurante), eu notei que a paisagem cearense se transfigurava, né? Ela deixava de ser aquela coisa linda, romântica, e começava a ser estaqueada e vendida, loteada e futuramente isso aqui vai ser uma casa. Ali, futuramente, fulano de tal vai construir uma casa. Aí, veio a fase da paisagem cearense. E assim, a coisa foi tomando e até hoje. Hoje eu tô numa fase que eu chamo Kaosmos, né? É a fase, a leitura terráquea, mas com sinais fora do planeta.

“Depois vem a fase social, do político, quando eu comecei, através do desenho, dar recados. Não tinha o dom da oratória.”

**Entrevista** -- Por falar em Kaosmos, eu me lembrei do Jorge Mautner (compositor), que é um cara mais ou menos da sua idade, músico também, um artista também múltiplo, e que ele transa muito com essa história do caos. Ainda, outro dia, ele deu uma **Entrevista** no Jô e falou do caos, que é uma idéia que ele já vem fazendo há muito tempo, acompanhando. Eu queria que você falasse um pouquinho pra gente, esse cosmos e esse caos, que ficam juntos de Kaosmos, se é o que eu tô entendendo.

**Zé Tarcísio** -- Kaosmos não foi eu que deu o título. Foi o Carlos Walter Porto Gonçalves. É um escritor carioca, que foi amicíssimo do Chico Mendes. Foi companheiro do Chico Mendes. É uma autoridade no assunto. É uma pessoa que eu conheci nos anos 70, em Santa Tereza, no mesmo movimento de criar uma associação de moradores de bairros. Eu acho que foi o pioneiro no país, que é a Associação de Moradores de Santa Tereza, dando o nosso cuidado com o patrimônio, pelo bonde, para a não retirada do bonde, pelo patrimônio arquitetônico de Santa Tereza, pelos calçamentos, pela vida de Santa Tereza em si. Isso nós nos reunimos muito naquela época e Carlos Walter fez parte. Quando ele

me visitou aqui, em 91, ele visitou Fortaleza, veio fazer uma preparação para a Eco-92, né? Não a favor, mas em atenção com a Eco, pelo PT, ele veio aqui a convite do pessoal do PT. Ele me visitou no ateliê e quando ele viu esse trabalho, ele disse: “Zé, isso é um Kaosmos.” Então, foi aí que nasceu a palavra Kaosmos. É esse trabalho que eu tô desenvolvendo agora, é toda uma coisa ligada com as coisas da Terra, mas isso sendo processado simbolicamente. Lá no CDL (Clube de Diretores Lojistas) tem um trabalho que eu pego a parte debaixo todo instrumentos indígenas, coisas bem primitivas, nossas, coisas bem nossa assim, continental, porque é uma coisa, não é só brasileira, é continental, em cima dos símbolos mais urbanos, o computador, símbolo da Shell, esses pontinhos luminosos da cidade, essas cores, essa coisa toda, isso tudo a gente vai fazendo uma composição, vai transformando isso numa coisa espacial, até jogar pro espaço. Então, é uma coisa que mostra que o tempo quase não existe. Não existe.

**Entrevista** -- Você teve, na sua infância, formação católica e parece que curtiu bem isso, tanto que falou de sua expectativa na Primeira Comunhão. Eu queria saber como é que você trabalha a religião atualmente. Como é que você se dá com a religião?

**Zé Tarcísio** -- Eu tive uma religião hispânica, né, aquela coisa da titia, da mamãe, da vovó, rezar, a gente é pequenininho, tem que ficar do lado, o terço, os benditos, é muito bonito, “Com minha mãe estarei”, aquela coisa do futuro, o abstrato, o anjo da guarda, aquela coisa em busca da perfeição, de uma imagem muito distante da gente, né? Que era o santo.

“Tive uma religião hispânica, aquela coisa da titia, da mamãe. O terço, o anjo da guarda, aquela coisa em busca da perfeição.”

Então, essa coisa toda foi a forma de religião, mas nunca eu tive uma coisa forte como religião. Mas como mania de ser católico fazer a Primeira Comunhão. Fica tudo na reminiscência, mas eu hoje eu vejo de uma outra forma.

**Entrevista** -- Você se considera uma pessoa mística?

**Zé Tarcísio** -- Não sei. Não, eu acho que a Igreja, as igrejas, quer dizer, essas lutas decepcionam muito. Quando a gente toma conhecimento, por

“Minha mãe foi uma nave fantástica. É uma mulher incrível. Conversei com ela e ela disse: ‘O mundo é nosso. Vai em frente’.”

exemplo, do catolicismo. O que foi o catolicismo, né? O que foi inquisição religiosa, o que foi tudo isso? O que tá sendo? E as coisas que acontecem dentro do núcleo religioso da Igreja, essa coisa toda, a gente começa a sair dessa historinha e passar a criar uma outra coisa. Deus tem uma outra forma. Jesus Cristo fala de outra forma. Então, eu comecei a ver, por exemplo, Jesus Cristo muito mais hoje como palavra, como mensagem nos dias atuais, essa coisa toda. Que é necessário a gente se amar, é necessário a gente se querer bem, é necessário a gente tentar ser legal. Não em busca do Paraíso depois da morte, não. O negócio é aqui, agora.

**Entrevista** -- Zé, você tá falando aí de espiritualidade e tal. Tem algumas pessoas, alguns amigos seus e meus, nossos, que dizem que você tem um pouco assim de mago, né? A gente sente assim que tu é bem zen, bem tranquilo, bem calmo. Eu queria saber como é que tu trata isso, assim de estar com dor de cabeça e tu tem sempre um negocinho, um remedinho. Faz um chá de alma pra gente tomar no dia da festa. Como é essa história assim de o Zé Tarcísio ser um mago, que dizem por aí?

**Zé Tarcísio** -- Eu não quero me aprofundar em nada, mas eu ouvi dizer que tem uns pontos chineses, tem um ponto que cura dor de cabeça. Apertar aqui, né, na mão, né? Pronto. Aí eu apertei, passa a dor de cabeça, é ótimo. Então, já tem um remezinho legal. Fico tranquilo e tal. Fiquei gripado e tal, etc, senti uma gripe. Eu digo: “Não, peraí, vou já misturar aqui”. Aí, fiz um lambedor legal, mel de abelha, uma gema de ovo. Pum! Vou dormir. Tomo um chá quente e subo. Pois é, essa coisa natural. Eu pouco uso a coisa



Após a entrevista, Zé Tarcísio convidou a turma para assistir a um vídeo inédito sobre a vida e obra dele, filmado em Aracati.

Dias após a entrevista Zé Tarcísio mostrou-se ansioso pela revista.

Quis saber se a edição tinha ficado boa e como estava a foto já que era de arquivo.



A foto que ilustra o texto mostra Zé Tarcísio de barba. No dia da entrevista ele estava de barba tirada.

Atualmente ele está cultivando novamente uma barba crescida, com o visual de costume.

Com esse visual o artista diz que consegue penetrar em todo lugar, embora algumas pessoas estranhem.

alopata. Só se aparecer uma infecção forte. Uma coisa assim, aí eu vou em busca de uma coisa forte.

**Entrevista** -- *Ô Zé, você tem um lema, né, "O mundo é nosso". Então, eu queria saber como é que foi que veio essa certeza.*

**Zé Tarcísio** -- Minha mãe que falou (risos). Bom, o início da vida foi naturalmente, né, eu vim bem naturalmente. A forma que manda o figurino, né? Eu sou bastardo. Filho natural. Então, foi ótimo, porque eu não tenho compromisso nenhum com a sociedade. Então, a minha mãe, quando eu comecei a sentir que os outros tinham pai e que eu não tinha, aquela coisa toda. E determinados momentos diziam umas coisas que me doía, aí eu conversei com ela e ela disse: "Olha, o mundo é nosso. Vá em frente". É ela. É essa nave maravilhosa. Minha mãe foi uma nave fantástica. Ela... É uma mulher incrível, sabe, muito simples. Quando eu disse assim: "Olha, eu tô..." Comecei a contar a ela e tal, que eu era um pouquinho diferente dos outros meninos (risos). Isso aí eu contei pra ela, que a gente tinha um diálogo legal. "Olha, eu sou diferente, sabe, minha vida é um pouco diferente e tal." E comecei a conversar com ela assim. Ela disse pra mim: "O mundo é nosso". Aí ela disse: "Não, mas você já nasceu há 16 anos. Faça o que você quiser. Olha, aprenda também a estrelar um ovo, fazer café, pregar botão, essas coisas tudinho, pra não ter que precisar de ninguém. Muitas vezes a gente precisa e a pessoa não faz." Ela me explicando, aí... "Aprenda a fazer tudo." Outra coisa, ela também, a princípio, ela se preocupou com estudo, meu estudo, mas quando ela viu que eu não era muito pra estudar, ela também não forçou a barra, não.

**Entrevista** -- *Mas ela sabia que tinha filho artista?*

**Zé Tarcísio** -- É, eu acho que sim.

**Entrevista** -- *Você falou em estudo, que ela era preocupada com estudo, e você mesmo disse que nunca gostou de estudar e repetiu várias vezes de ano, né? Tem aquele caso, bastante interessante -- que eu queria que você relatasse pra gente --, do Colégio Sete de Setembro, quando o diretor, se não me engano, chamou sua atenção, que você não queria estudar e você disse que não tinha nascido para ser doutor. E, ao mesmo tempo, era muito curioso, a ponto de estar estudando sobre a vida do Padre Antônio Tomás, pra participar do O Céu é o Limite. Onde é que*

*fica a questão de gostar de saber e não gostar de estudar?*

**Zé Tarcísio** -- Eu sempre achei muito chato, desde pequeno, a gente ficar olhando e só uma pessoa lá na frente dizendo tudo, tudo, tudo, tudo, tudo como é que deve ser. Aí, isso me encucou desde o início. Também eu nunca procurei saber, nem questionar, mas me encucou, né, essas coisas assim. Mas o doutor Edilson Brasil Soares (ex-diretor do Colégio Sete de Setembro, já falecido), eu guardo muito forte na memória a presença dele, doutor Edilson... A minha geração que estudou, e quem estudou no Colégio Sete de Setembro, sabe como ele era austero, como ele queria que os alunos estudassem e fossem o primeiro. O maior prazer do doutor Edilson era dizer: "Em primeiro lugar, fulano de tal". Então, esse aluno era o grande exemplo, né? Então, ele sempre foi uma pessoa que estimulou isso. E eu era bolsista... Dentro

" A minha geração, que estudou no Colégio Sete de Setembro, sabe como ele era austero. Ele queria que os alunos estudassem. "

do colégio, por exemplo, me interessava era marchar no Colégio Sete de Setembro, no dia de 7 de setembro, puxando um carneirinho, tá entendendo? Era segurar a bandeira do colégio, qualquer uma que fosse. Então, eu tava querendo mais essas coisas do colégio, do que o grande literário, do que, em si mesmo, banca de escola, e ele gostava desse lado meu, esse lado festivo meu, ele sempre gostou. E uma vez eu fui e tirei as piores notas possíveis e eu, como bolsista, ele achou aquilo um absurdo, né, dar uma bolsa de estudo pra um cara que não quer estudar. Mas ele me chamou pra diretoria e me deixou lá esperando e, quando chegou, aquela forma dele, assim, de balançar o sujeito: "Você não estuda e tal, etc.". Que ele queria ouvir de mim qualquer coisa. Foi quando eu disse: "Olhe, mas eu não nasci pra ser doutor". E quando eu disse isso ele tomou um susto. Aí, eu faltava toda quarta-feira à escola. Toda quarta-feira eu tava faltando à escola e isso irritou ele e ele queria saber onde eu andava às quartas-feiras. Aí

eu não queria dizer, era um segredo meu. Eu tava era indo à casa da dona Dinorá, que era sobrinha do Padre Antônio Tomás, e eu era inscrito para um programa de rádio chamado O Céu é o Limite. E eu ia responder sobre a vida de Padre Antônio Tomás. Quando ele me apertou mesmo o que eu fazia às quartas-feiras, eu disse que estava indo à casa dela. Aí ele se certificou disso e foi uma pessoa que se entusiasmou muito pela minha participação, me deu um livro -- eu peguei esse livro em casa, pra trazer, pra mostrar a vocês uma dedicatória dele... Então, eu era um aluno assim, e quando eu saí de lá pra estudar à noite, porque eu precisava ganhar uma graninha de dia, eu senti que o doutor Edilson sentiu essa minha decisão de ter saído do colégio dele. Então, eu fui amigo dele muito tempo. A minha primeira exposição, o filho dele que iniciava a carreira diplomática, um dos filhos dele. Também me deu grande alegria no dia que... Nessa exposição tava a Academia Brasileira de Letras todinha levada pelo Gilberto Amado e tal, que eu falei, e ele surgiu lá, o rapaz, o Edmilson, o filho dele, né, representando o colégio. Quer dizer, esse também foi um momento muito interessante, essa coisa dele, essa amizade que continuou. Ainda hoje eu tenho uma profunda amizade pela família dele... Mas é o colégio em si, não é aquela coisa de estudar.

**Entrevista** -- *Você falou que estava estudando para responder no programa de rádio, participar do programa O Céu é o Limite, né, e você também falou pra Cristiane que foi o primeiro locutor mirim. Eu queria que você contasse essa história pra gente.*

**Zé Tarcísio** -- Estava sendo anunciado o programa O Direito de Nascer. Uma novela pelo rádio: O Direito de Nascer. Aí, eu disse: "Bom, eu vou ver... Vai entrar uma novela". Aí ficava ouvindo o rádio um bom tempo. Quando eu cheguei lá, a novela tinha um personagem garoto, que era o Bruno, e eu fiquei por ali e por coincidência, eu não sei, é a coisa do destino mesmo, quem ia fazer o Bruno era -- isso é interessante -- o Simplício Neto, que é o Alan Neto (colunista esportivo). O nome dele, Simplício Neto, era o virtual, o que ia fazer o personagem. Chegou quase na hora da novela e ele não apareceu. A novela era dirigida por Haroldo Serra (ator), que na época, namorava a Hiramisa (Serra, atriz), que tava iniciando a carreira também. Aí, eu me apresentei, né? "Não é problema. Eu tô aqui, eu faço." Aí cheguei

pra eles - e ele já me conhecia assim de macaco de auditório, né? - e me apresentei e ele disse: "Rapaz, você faz mesmo?" Eu digo: "Faço". Aí, ele me deu o script e era tudo ao vivo. Aí eu li, eu li e tal, mas não houve ensaio. Não tinha ensaio. Quem tinha ensaiado era o Simplicio Neto. E eu... Chegou na hora, aquela história da sonoplastia, da música, tchannn -- isso tudo me deixou emocionado (risos) e eu me perdi no texto. Aí, começou a novela. Eu não sabia que quem abria a porta era o cara lá -- eu só ia ler -- quem ia fazer o cavalo era outra pessoa. E eu queria ver tudo ao mesmo tempo. Aquela história de tudo novo. De repente, eu tô lá, lendo, aí a Hiramisa fazia a Ana Cristina, não sei quem era um personagem, aí, garoto e tal -- contando assim por alto, por alto, pra vocês. Eu sei que o garoto, o cara falou: "Bruno, você é terrível". E eu: "Bruno, você é terrível". "Não me arremede!" "Eu não tô arremedando." (risos) Aí começou uma outra história que não tinha nada a ver com a novela. Aí o papel... Já fez a maior confusão. O cara tinha que abrir a porta, eu não dei a deixa. E o Haroldo fazia: "Música." Essa é ótima! O Haroldo vai se lembrar, vai ser engraçadíssimo. Sabe o que o Haroldo fez? Pegou o papel. Pegou a caneta tinteiro, essa Parker: "Toma, tuas contas, bilhete azul". (risos) Me botou pra fora da rádio. Me mandou: "Fora do estúdio". Foi um vexame pra minha cabeça. Nunca mais eu fiz novela. Então, o Haroldo Serra foi engraçadíssimo. Tem essa passagem engraçada. Aí, eu voltei. Devagarzinho, passou um tempo aí tinha Clube do Bom Companheiro -- um programa de rádio aos domingos. "Como eu entro nesse programa?"

**"Não tinha ensaio. Chegou na hora, aquela história da sonoplastia, da música, me deixou emocionado e me perdi no texto."**

Tomei conhecimento que os horários eram pagos por patrocinadores. Isso tudo eu fui descobrindo. Essas coisas todas foram descobertas: que era o patrocinador que pagava. Aí, eu fui lá na Silcar (do ramo de automóveis e eletrodomésticos). Na casa Silcar.

Falei com o dono de lá: "Olha, eu queria trabalhar num programa de rádio, mas o programa de rádio não me aceita porque o que eu vou falar tem que ser pago." "O que é que você vai dizer?" "Eu só vou dizer que hoje lá no Escorrega tá legal." Escorrega era a Beira-Mar, que era diferente de hoje. Era uma praia que ia todo mundo, né, praia do Náutico... Aquele pedaço lá era belíssimo, aquele pedaço lá a gente trocava calção... Então, eu queria dizer que era legal, que ia ter isso, isso, isso. Aí o cara botou uma grana na pra eu entrar. Depois, apareceu um sabonete... Aí eu fui na Siqueira Gurgel, que tinha sido lançado um sabonete chamado Singel. Aí eu cheguei com o dinheiro. Era Matos Dourado, que era o diretor, Haroldo Serra, que fazia o programa. Eles tinham um programa noturno, que eu freqüentava e ganhava prêmio, participava do auditório, mas eu queria era um programa infantil e eu comecei a entrar nos espaços colaborando com o cachê, que eu conseguia. Aí comecei a ter as minhas possibilidades de falar, de ler o texto, né? "O suave perfume do seu banho. Singel." Essa coisa toda. Então, essas coisas todas eram pagas e eu tinha possibilidade de falar coisas, né, pagava pra falar aquilo. Então, quando foi uma vez, final do ano: "A voz orgulho no Ceará: Ayla Maria. Fulano de tal: Isso assim. Locutor esportivo: Chico" -- que hoje é da Tribuna (do Ceará, jornal)... Francisco Alves, que era locutor de rádio na época. Aécio de Borba (hoje deputado federal pelo PPR-CE), era locutor de rádio. Peixoto de Alencar (radialista)... E eu fui pra festa. Festa da Rádio Iracema, em 1958. Aí, quando eu vi, tava lá: "O primeiro locutor mirim do rádio cearense: Tarcísio Ramos." (risos). Pra mim foi ótimo. Então, essa foi uma passagem interessante.

**Entrevista -- Durante todo o tempo você contou pra gente um pouco da tua vida... Apareceram algumas pessoas que foram importantes. Tua mãe, por exemplo, foi muito importante pra ti, te influenciou bastante. Quais outras pessoas que foram amigas, que te ensinaram, que te influenciaram na arte?**

**Zé Tarcísio --** Bom, a minha mãe foi importante. A família que me adotou foi importantíssima. A família de mulheres, que era uma velha e duas filhas. Uma filha, ela tinha problema físico, e a outra era fabricante, fabricava... Era operária. Então, isso foi importantíssimo. Foram pessoas que me deram carinho, que é importantíssimo carinho, me ouviam... Então, isso foi importante. Até elas morre-

rem. Elas passaram a ser a minha família. Uma pessoa, a dona Nazaré Feijão, que me pegou e me levou pra essa família, também é de grande importância. Agora, Manuelito Eduardo, importante, Inimá de Paula. São pessoas do início da minha carreira, né? O Antônio Bandeira. Quem mais? É tanta gente e até

**"Fui uma pessoa que recebeu bastante carinho. Uma pessoa que poucas vezes foi maltratada. Poucas vezes deixei de ser legal."**

hoje a gente tá tendo oportunidade de ter pessoas que dão força. Muita gente fica até total, dono de tudo. A gente sempre... É uma coisa que vai e eu tô toda hora tendo pessoas importantes na minha vida que colaboram comigo.

**Entrevista -- Por falar em dar força, você ressaltou muito as pessoas que, de certa maneira, te ajudaram. Mas você é um cara generoso. A sua casa, a sua mesa, sempre estiveram abertas a outros artistas, às pessoas que vinham do Cariri, que vinham do Juazeiro, que vinham de fora. Eu queria que você falasse um pouco desse Zé Tarcísio que recebe tão bem, que acolhe os amigos. Não só desse lado das pessoas que te influenciaram, mas daquelas que você, de alguma maneira, deu encaminhamento.**

**Zé Tarcísio --** Bom, uma pessoa que não recebe carinho, essa pessoa não pode dar carinho, porque ela não sabe o valor do carinho. Então, eu fui uma pessoa que recebi bastante carinho. Então, eu tenho um saco enorme de carinho pras pessoas. Sabe, eu tenho um saco cheio de carinho, sempre, pra todas as pessoas. E, voltando ao rádio, tinha uma coisa que é "Uma mão lava a outra com perfeição e as duas lavam roupas com sabão pavão". Quer dizer (rindo), é uma coisa que a gente, se a gente recebe, se você só faz receber, fica cheio de coisa. Então, essa coisa de você... Não é dentro dessa coisa de dar e receber que tá agora na política, não. Mas é mesmo... Tá sempre recebendo. Se você tem uma Eleuda (de Carvalho, uma das entrevistadoras), que chega com um sorriso, que chega participando da

**Das entrevista que deu até hoje, disse ter gostado mais da que foi publicada no jornal cultural do Sindicato dos Bancários do Ceará.**

**Mas já manifestou interesse em ter cópias das fitas gravadas com a entrevista para esta revista.**

**Disse que gostaria também de receber alguns exemplares para enviar a amigos e museus pelo Brasil.**



Espera também ter exemplares da revista para distribuir com clientes do "Romance", em Aracati.

coisa, só pode tratar bem. Você que passou lá por casa. E eu tô sempre predisposto a isso. Agora, se a gente é maltratado, aí, também, né, a gente... Como eu sou uma pessoa que poucas vezes fui maltratado, eu poucas vezes deixei de ser legal.

**Entrevista** -- *Você falou que o sexo alimenta. O que mais alimenta o artista Zé Tarcísio?*

**Zé Tarcísio** -- Essa é forte (risos). Essa é fortíssima... Olha, é a espera de que daqui a pouco seja melhor. Sabe, então, se não tá agora pode ser daqui a pouquinho. Então, você espera que a coisa melhore, isso é que faz a gente se alimentar.

**Entrevista** -- *E isso seria um lema pra gente? Se você pudesse dizer pra gente, dar um lema de vida pra gente, seria esse?*

**Zé Tarcísio** -- Se você quiser, pode ficar (risos). Mas é isso aí, sabe, porque eu... Com o passado, eu não me preocupo, e o amanhã, eu também... O negócio tem que ser já, já. Depois, não... Tá terminando, né?

**Entrevista** -- *Essa questão que você colocou: o passado não te preocupa, nem o futuro, né, o importante é o presente. Talvez seja essa a receita*

*pra você ser a pessoa que é. Você é uma pessoa -- pelo menos às vezes que eu já o encontrei -- muito bem humorada, tá sempre com o astral lá pra cima e, já entrou aí na casa dos 50 e não tem a mínima aparência, né, parece que tá sempre em paz com a vida. É isso?*

**Zé Tarcísio** -- Eu também não... Preocupa muito mais as pessoas. As pessoas, quase todas as pessoas tão vindo: "Que é que você faz?" Eu acho que é exatamente a não-preocupação é que... Olhe, uma coisa é certa: eu não durmo, eu não me deito na rede pra dormir com problema. Eu pego o problema e boto do lado. Mas radicalmente. Sabe, eu consigo fazer isso. Eu consigo. Foi difícil eu conseguir isso, mas eu consegui. Eu digo: "Bom, não vai ser agora... Eu não vou deixar de dormir." Eu não sou de ficar... Isso, essa preocupação que a gente tem, né, esse mundo que a gente tá, é que faz você ficar, sabe? Aí você passa angústia, passa ansiedade, passa tudo. Quando você se permite carregar essa coisa toda. Se o problema é meu, eu que devo resolver. Então, eu faço tudo pra resolver. Aí, quando eu realmente não consigo é que vou pedir penico pra alguém.

**Entrevista** -- *Você conseguiria botar o problema pra dormir de lado se não fosse artista?*

**Zé Tarcísio** -- Eu não sei, porque eu não sou. Eu sou artista. A minha vida é muito mais de artista. Mesmo fazendo tudo isso que vocês estão vendo, mas eu sou artista. Tá chegando o final (risos)...

**Entrevista** -- *A comunhão foi boa?*

**Zé Tarcísio** -- Foi. Eu quero voltar. Mas gente, olha, foi ótimo. Eu desejo a vocês uma carreira esplêndida pela frente. Não se conformem. São responsáveis, tá entendendo? Pode mudar, é uma carreira que pode mudar o ciclo, é uma carreira responsável por tudo, a carreira de vocês. O jornalista tem uma grande missão na vida, porque ele passa... Ele tem uma grande influência na formação da sociedade. Ele pode fazer uma notícia ficar maravilhosa, como ele também tem o poder de fazer a coisa ficar ruim. Então, vocês abraçaram uma profissão muito séria. Num mundo de transformação que é hoje, o papel da comunicação é um papel seríssimo. É só isso que eu tenho a dizer.